

1

Desenvolvimento dos primeiros anos: atualidades

Débora Marques de Miranda

Marco Aurélio Romano Silva

Leandro Fernandes Malloy-Diniz

Introdução

As transformações culturais do século XX aconteceram em uma velocidade ímpar e impactaram fortemente nossa concepção sobre o desenvolvimento humano. Para se ter um exemplo, em 1900, a expectativa média de vida era de 49 anos e, ao final do século XX, já havia superado os 70 anos. O crescimento populacional, a facilidade de acesso à informação, o desenvolvimento tecnológico e sua aplicação às diferentes áreas da vida trouxeram novas formas de relação entre o indivíduo, seu grupo e os recursos disponíveis. Novas concepções sobre o desenvolvimento humano em um mundo com tantas modificações se tornaram necessárias, e as teorias clássicas sobre desenvolvimento deram lugar a novas abordagens científicas. Vejamos, por exemplo, três teorias clássicas sobre o desenvolvimento psicológico ainda muito utilizadas (de forma acrítica) por profissionais de saúde e educação: a psicanálise freudiana, a epistemologia genética de Piaget e a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg. Três características permeiam as concepções de desenvolvimento dessas propostas: o desenvolvimento em etapas, o fim do desenvolvimento durante a adolescência e a teleologia. Se considerarmos em conjunto as três teorias, nosso desenvolvimento ocorreria em etapas bem definidas, cada uma delas permeadas por características peculiares e desafios que, superados, levariam ao novo estágio. A maturidade seria alcançada na adolescência, sendo nosso produto final definido por uma sexualidade culturalmente aceitável, um raciocínio abstrato e uma moral que transcende as convenções. Ao nascimento, temos uma meta ontogenética que consiste na superação de cada fase e o alcance do amadurecimento caracterizado pela etapa final de desenvolvimento: fase genital na psicanálise, estágio operacional formal na epistemologia genética e moral pós-convencional no modelo de Kohlberg. Nossa ontogênese teria uma meta finalista, ou teleológica.

Embora tenham trazido contribuições importantíssimas para nossa compreensão sobre o desenvolvimento emocional, cognitivo e moral, tais teorias devem ser revisitadas e consideradas do ponto de vista histórico e à luz do co-

nhecimento de sua época. Com os avanços em nossa compreensão das peculiaridades e modificações ao longo da vida, surgiu uma nova perspectiva em desenvolvimento: a abordagem *life span*, ou do curso da vida (Baltes et al., 2006). Essa perspectiva é caracterizada pelos seguintes aspectos:

- O desenvolvimento humano reflete uma arquitetura incompleta e em construção contínua, durante toda a vida.
- O desenvolvimento humano não é teleológico e é influenciado pela interação entre fatores biológicos e ambientais.
- A ontogênese é caracterizada pelo equilíbrio entre ganhos e perdas durante todo o percurso e os fatores de crescimento, manutenção, resiliência e administração de perdas relacionam-se com a forma como os indivíduos alocam seus recursos psicológicos em diferentes demandas e momentos da vida.
- A integração entre múltiplas teorias que explicam desde o desenvolvimento global até as peculiaridades do desenvolvimento de aspectos psicológicos específicos (p. ex., personalidade, memória etc).

A perspectiva *life span* nos permite entender como as diferentes fases da vida estão inter-relacionadas. Particular atenção tem sido dada à compreensão da relação entre as etapas do desenvolvimento infantil e as características da vida adulta e da velhice têm mostrado que os blocos iniciais do desenvolvimento psicológico são importantes preditores do desenvolvimento posterior. Vejamos, por exemplo, os resultados de três estudos longitudinais. No primeiro, realizado em Nova York, os bebês classificados como fáceis (sociáveis e de ritmos biológicos previsíveis) tiveram maior probabilidade de se tornarem adolescentes e adultos com melhores habilidades sociais em comparação aos bebês classificados como “difíceis” (menos sociáveis e com ritmos biológicos ainda irregulares) (Lerner & Vicary, 1984). Em um segundo estudo, realizado na cidade de Dunedin, na Nova Zelândia, crianças com menores índices de impulsividade tiveram maior propensão de se tornarem adolescentes com menor frequência de comportamento de risco e adultos com maiores habilidades de autocuidado, melhores condições de emprego e menor envolvimento em situações de conflito com a lei (Moffit et al., 2011). No entanto, um dos mais importantes estudos longitudinais foi o dos *marshmallows* de Stanford, conduzido por Walter Mischel, o qual mostrou que o desenvolvimento da capacidade de postergação da gratificação na infância é um importante preditor de resiliência, cognição social, habilidades acadêmicas e processamento emocional na adolescência e na idade adulta (Mischel, Shoda, & Peake, 1988; Ayduk, 2000; Mischel et al., 2011).

Esses estudos nos ajudam a entender que os anos iniciais até a pré-escola são fundamentais para a construção dos blocos de sustentação para o desenvolvimento nos anos posteriores. Assim, compreender, avaliar e intervir nessa fase da vida pode ser crucial para o desenvolvimento bem-adaptado ao longo da vida. Nesse sentido, um primeiro desafio é compreender como os diferentes contextos impactam a forma como o desenvolvimento vai transcorrer.

Considerando fatores e condições que podem afetar o desenvolvimento e repercutir na composição das novas gerações, tentamos abordar neste livro aqueles que têm potencial impacto no desenvolvimento individual. Partimos dos primeiros anos de vida, não apenas da simples lógica cronológica, mas também do fato de que a pesquisa em neurociência tem demonstrado, nas últimas duas décadas, de maneira inequívoca, que os primeiros 1.000 dias (período pré-natal até os dois primeiros anos de vida), até o fim do segundo ano de vida, são fundamentais no desenvolvimento do cérebro e, se esse desenvolvimento não acontecer de maneira adequada, apresentará impacto por muito tempo (Fox, Levitt, & Nelson, 2010; McEwen, 2008). As conexões neurais formadas nesse período precoce são fundamentais para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo que impactarão o desempenho escolar e a qualidade de vida no período adulto (Sameroff, 2010). Atualmente, é reconhecido o impacto negativo de déficits nutricionais iniciais e da pobreza sobre o desenvolvimento cognitivo, e do ambiente sobre a forma como as crianças desenvolvem a capacidade de regular o comportamento e as emoções, bem como sobre o desenvolvimento da atenção em médio prazo (Shonkoff et al., 2012). O custo-efetividade de qualquer intervenção nos primeiros anos se mostra favorável a curto e longo prazos, sendo fator determinante da saúde do adulto (Heckman, 2006; Campbell et al., 2014). Apesar da riqueza de dados e informações sobre o assunto, ainda são poucas as ações político-econômicas e educacionais direcionadas a minimizar os efeitos sobre a infância, em especial nos primeiros anos de vida. A negligência com a criança não acontece apenas no Brasil, apesar de ser crescente o número de organizações e agências governamentais ou não governamentais (ONGs) que defendem a implementação de serviços de qualidade voltados à primeira infância.

Por se tratar de um aspecto central dessa dinâmica, elencamos vários aspectos relacionados com educação, entendendo-a como um ponto de convergência de todos os conceitos de desenvolvimento, uma vez que é determinante para o empoderamento individual. Educação permite autoconfiança, *status* e dignidade, amplia o horizonte e permite a aquisição de habilidades e credenciais.

É muito claro na literatura a correlação entre experiências de adversidade precoce e uma ampla faixa de problemas, como aquisição inadequada de aprendizagem e comportamento criminal. Quando nos referimos à exposição à adversidade e ao estresse, falamos de situações extremas, considerando que todas as crianças estão submetidas a algum grau de estresse. Desde pequenos ferimentos até a obtenção de notas baixas na escola, a vivência do estresse e sua superação podem ser condições associadas ao amadurecimento, ao suporte e à superação. Também vem ficando mais claro o fato de que crianças expostas a situações adversas críticas, como exposição a doença mental ou abuso de substâncias, situações de guerra ou violência recorrente, quando contam com algum adulto estável e engajado em seu cuidado, terão mais chances de progredir e conquistar o estado de superação, mesmo vivenciando o estado de adversidade

extrema. Durante o desenvolvimento, frequentemente, o indivíduo aprende a lidar com novos desafios e experiências, a não ser que atinja o estado de cataclismo, quando mesmo indivíduos resilientes podem sucumbir, necessitando de suporte terapêutico.

Os achados clínicos e de investigação sobre o desenvolvimento da criança na última metade do século XX mudaram profundamente a forma como encaramos a importância da relação das crianças com seus cuidadores. Más condições de vida e uma comunidade violenta afetam as escolhas dos pais em relação aos filhos, podendo resultar na criação dura e intrusiva como um mecanismo de proteção contra exposição a gangues e situações de criminalidade (Tomlinson, Dawes, & Flisher, 2012). A pobreza também contribui para o estresse familiar e a depressão materna, também afetando a parentalidade. Assim, com certeza, o desenvolvimento infantil envolve muitas áreas e expressa complexidade em todos os níveis.

Algumas iniciativas globais de saúde têm tido mais sucesso na geração de financiamento e prioridade política do que outras (Tomlinson & Lund, 2012). O desenvolvimento infantil e as políticas voltadas às crianças em geral não estão entre as áreas com maior aporte financeiro. Além disso, os governos democráticos, que têm um ciclo de quatro ou cinco anos e potencial de eventual reeleição, podem estar inclinados a se concentrar nas questões de saúde com um resultado mais imediato, em vez de na prestação de serviços à criança. Nesse caso, o maior impacto será visível apenas décadas à frente. Em contexto de recursos financeiros escassos, a alocação de recursos relaciona-se apenas parcialmente com a carga de doença ou com o potencial de produzir os maiores benefícios para a sociedade no futuro.

Garantir o melhor desenvolvimento infantil e as condições geradoras de saúde mental para as crianças é um forte alicerce para sociedades sustentáveis, justas e prósperas. Tendo por base o desenvolvimento humano, algumas estratégias específicas têm sido propostas, como políticas públicas, com o objetivo de melhorar o desenvolvimento, independentemente da condição inicial, e minimizar todos os possíveis impactos sociais deletérios. Esses princípios foram elencados por um grupo amplamente envolvido no estudo do desenvolvimento infantil em Harvard e encontra vozes em países com rendas médias e baixas, como na África do Sul. Essas intervenções foram construídas com base naquilo que impacta o desenvolvimento de forma ampla e clara, com base em evidências científicas, contemplando áreas como saúde, alcance educacional, produtividade econômica e saúde mental. Entre elas estão:

- Programa de acesso a bolsas de renda mínima familiar, necessariamente ligadas à disponibilidade de unidades de cuidado infantil de ótima qualidade como estratégia de otimizar o desenvolvimento de habilidades das crianças na primeira infância e minimizar potenciais efeitos deletérios relacionados com a pobreza de ambientes.

- Política pública voltada à redução de estresse crônico, ao fornecimento de serviços terapêuticos que reforcem as relações vulneráveis em detrimento de retirar as crianças da condição de exposição.
- Escolarizar formalmente, como situação geradora de oportunidade de participação e pertencimento e, ao mesmo tempo, desenvolver conhecimento; habilidades cognitivas e de autorregulação reforçam o sistema adaptativo pelo qual perpassa a capacidade de lidar com a adversidade (Masten & Obradovic, 2006).

Diante desse tipo de medidas e da complexidade do desenvolvimento humano, discutiremos nos capítulos subsequentes aspectos biológicos, sociais, acadêmicos e psicológicos que possam impactar no desenvolvimento. Esse formato de pensar os mecanismos biológicos de forma integrada, considerando a ligação entre a adversidade precoce e os desfechos na vida adulta, voltando a abordagem sob a ótica do ciclo da vida e das respostas causadas pelo ambiente, pode identificar alvos de intervenção que resultem em uma sociedade com futuro melhor.

Conclusão

Diante de medidas de intervenção e da complexidade do desenvolvimento humano, discutiremos nos capítulos subsequentes aspectos biológicos, sociais, acadêmicos e psicológicos que podem impactar no desenvolvimento humano. Essa maneira de pensar os mecanismos biológicos de forma integrada, considerando a ligação entre a adversidade precoce e os desfechos na vida adulta, voltando a abordagem sob a ótica do ciclo da vida e das respostas causadas pelo ambiente, pode identificar alvos de intervenção que resultem em uma sociedade com futuro melhor.